

## OS FORAS DA LEI DO ESPAÇO ELETROMAGNÉTICO: AS RÁDIOS LIVRES SOROCABANAS PELA PERSPECTIVA DE PAULO STECKER

*The outlaws of the electromagnetic space: the sorocaban free radios from the perspective of Paulo Stecker*

*Los forajidos del espacio electromagnético: las radios libres en Sorocaba en la perspectiva de Paulo Stecker*

Luciano Victor Barros Maluly<sup>1</sup>  
Felipe Parra<sup>2</sup>

**Resumo:** Nesta entrevista, o radialista Paulo Stecker revela informações inéditas sobre as rádios livres sorocabanas. Em específico, tenta-se aprofundar nas características dessas emissoras clandestinas do interior paulista, no intuito de completar os registros acadêmicos sobre o tema e traçar um panorama desse importante movimento para a comunicação radiofônica no Brasil.

**Palavras-chave:** Comunicação radiofônica. Rádios livres. Rádios livres sorocabanas. Paulo Stecker.

**Abstract:** In this interview, Paulo Stecker reveals new information about free radio stations in Sorocaba. Specifically, this effort tries to delve into the characteristics of these clandestine stations in the interior of São Paulo, in order to complete the academic records on the subject and create an overview of this important movement for radio communication in Brazil.

**Keywords:** Radio communication. Free radios. Sorocaba free radios. Paulo Stecker.

**Resumen:** En esta entrevista, el locutor Paulo Stecker revela información inédita sobre estaciones de radio libres en Sorocaba. Específicamente, se intenta profundizar en las características de estas emisoras clandestinas del interior de São Paulo, con el objetivo de completar los registros académicos sobre el tema y trazar un panorama de este importante movimiento de la radiocomunicación en Brasil.

**Palabras-clave:** Radiocomunicación. Radios libres. Radios libres em Sorocaba. Paulo Stecker.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor de radiojornalismo do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). São Paulo | SP | Brasil. lumaluly@usp.br | <http://orcid.org/0000-0002-2630-8922>.

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA-USP). Bolsista do CNPq – Brasil. São Paulo | SP | Brasil. felipe.parra@usp.br | <http://orcid.org/0000-0002-4160-3065>.

Ao abordar o conceito de rádios livres, os estudiosos se deparam com eventos relacionados às rádios clandestinas<sup>3</sup> que surgiram na Europa, no início da década de 1970. Emissoras como as italianas *Milano Centrale* e a *Città Futura* ofereciam aos ouvintes a oportunidade de poder receber e transmitir informações pelo espaço eletromagnético de forma democrática e independentemente de fronteiras (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986; SANTORO, 1981).

Esse jeito inovador de se fazer rádio chegou a Sorocaba no final da década de 1970. Por meio de suas estações caseiras, jovens insatisfeitos com a programação das emissoras convencionais reverberavam suas ideias pelo município paulista. Essa tendência teve seu ápice no verão de 1982. Durante esse período, a cidade contava com mais de 100 emissoras no ar, com 43 comprovadas (NUNES, 1995). Tal atividade ficou conhecida como o movimento das rádios livres sorocabanas. Entre os membros desse grupo estava Paulo Stecker (Fig. 01). Natural de Votorantim, o locutor profissional teve seu primeiro contato com a mídia na adolescência, quando montou a rádio *Transuniversal FM* junto com seu amigo, Robson César. Conheça um pouco mais sobre a história desses meios de comunicação pela perspectiva do entrevistado.

---

<sup>3</sup> Antes da era digital, as rádios livres ocupavam ilegalmente o espaço eletromagnético controlado pelo monopólio das telecomunicações por meio de transmissores de rádio e outros aparelhos de som caseiros (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986).



Figura 01 – Paulo Stecker (arquivo pessoal de Paulo Stecker).

**Felipe Parra – Para iniciarmos, você poderia fazer uma apresentação da sua extinta rádio livre?**

**Paulo Stecker** – O nome dela era *Transuniversal* 99 MHz. Ela funcionou no bairro Dominginhos, em Votorantim, de 1985 a 1987. Eu morava lá. Eu moro em Sorocaba há vinte anos, mas minha rádio ficava na casa dos meus pais. Até estava conversando com meu amigo sobre isso. Eu falei que tinha uma rádio livre e ele perguntou o nome. Disse que era a 99 *Transuniversal FM*. Ele falou que ouvia minha rádio. Eu entrava as 19h00, na hora do programa *A Voz do Brasil*<sup>4</sup> e ia embora até as 00h00. Ficava quatro, cinco horas tocando música. Não tinha rádio para ficar conversando com as pessoas, eu gostava de fazer

---

<sup>4</sup> No Brasil, havia o interesse do Estado brasileiro pelo rádio como veículo pedagógico. Devido a isso, Getúlio Vargas utiliza o rádio para divulgar ideias trabalhistas. Em 1934, ele institui a obrigatoriedade de retransmissão em cadeia de rádio o noticiário radiofônico estatal *A Voz do Brasil*, com a produção do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. (NUNES, 1995).

MALULY, L. V. B.; PARRA, F. Os foras da lei do espaço eletromagnético: as rádios livres sorocabanas pela perspectiva de Paulo Stecker.

*Esferas*, ano 12, vol. 1, nº 23, janeiro-abril de 2022.

ISSN 2446-6190

programação. Após eu terminar as transmissões da *Transuniversal*, eu entrava e ficava conversando com alguns donos de rádios piratas que se comunicavam pelo rádio. Falava com o dono da *Interprise FM*, que sintonizava o dono da *Dolby FM*, que sintonizava o da *Frankstape FM*, e assim ia. O dono da *Columbia FM* eu só conheço de nome, nunca pessoalmente, sempre pelo rádio. Isso se deve também a falta de comunicação da época. Um não tem telefone, outro não tem carro, então era difícil fazer um encontro. Não é como hoje que, você pega o WhatsApp e fala com todos. Para conhecer um dono de rádio livre você pegava o endereço do sujeito por meio de um código que era transmitido na rádio livre dele. Trocava a palavra “rádio” por “base”, pegava um ponto de referência para facilitar a localização, falava os números da casa invertidos. Era uma forma inocente e ingênua até de tentar conhecer outras pessoas que gostavam de rádio e, ao mesmo tempo, ficar no anonimato. Algumas vezes a gente se encontrava um na casa do outro, bacana demais. Alguns deles não gostavam de ter uma programação, só batiam papo. Falávamos sobre microfones e equipamentos. O meu transmissor era dentro de um conversor UHF (Fig. 02). Você tirava a tampa e dentro e às vezes a rádio saía fora da frequência, então eu regulava com uma tampinha de caneta serrada Bic. Usava ela para apertar o parafuso até cravar no 99 MHz. Os caras falavam que era pico de energia, alguma coisa dessa natureza. O pessoal que montava ensinava para gente como deixar na frequência certa. E aí virei especialista em transmissores 2n2222 e em antena plano terra. Infelizmente, dessa época, o álbum de fotos que ficava lá na casa de Votorantim ficou com familiares que eu nunca mais encontrei. Eu tinha muitas fotos da rádio, até perguntei para meu irmão outro dia se ele não tinha fotos lá do fundo da rádio e ele falou que ia procurar. Eu tinha um suporte de microfone preto, um aparelho de som da CCE com dois tapes, duas caixas de som, transmissor montado dentro do conversor UHF em uma prateleira, a antena para sair no cabo, era bem montada. E tinha minha cama também. Eu montei a rádio dentro do meu quarto. Era um vício, todo dia eu entrava no ar, uma coisa maravilhosa! Estudava pela manhã, chegava em casa e já ligava a rádio. Às 19h00 também, era o horário que eu estava mais ativo.



Figura 02 – Foto de um conversor UHF (arquivo pessoal)

Quando eu comecei a estudar a noite eu ligava depois das 23h00 e tocava também. Quando o Robson César foi trabalhar na rádio comercial *Vanguarda FM*, eu fiquei sozinho *Transuniversal*. Então, eu comecei a chamar pessoas para falarem na rádio. Coloquei minha namorada da época para gravar vinhetas. Era legal ter uma voz feminina na programação. A minha intenção não era piratear, era fazer com que você ouvisse a rádio, gostasse dela e não soubesse quem estava fazendo a transmissão. Então, ficava essa interrogação no ar. De quem era essa rádio? De onde eram essas pessoas?

### F.P – Como você conseguiu o transmissor da rádio? Você construiu?

**P.S** – Eu e o Robson Cesar somos grandes amigos desde a infância. Se não me engano ele comprou o transmissor já montado dentro do conversor UHF. Como ele sabia da minha paixão por rádio, ele falou para montarmos na minha casa. Acabei levando para minha casa e a gente montou lá no fundo. Ficamos juntos nessa e isso fez com que minha paixão por rádio aumentasse mais ainda. Eu ficava livre para fazer o que quisesse com a rádio no meu quarto. De noite ele ia lá e a gente fazia a programação. Depois que o Robson fez o curso de radialista no SENAC, ele foi trabalhar na *Vanguarda FM*. Então ele parou. Se fosse pego ia ser problema para ele. Portanto, eu continuei sozinho. Fiquei 1 ano sozinho e, nesse período, surgiram outras pessoas. Também fui conhecendo gente que fazia outro tipo de transmissor, mais potente. Como a minha aparelhagem, eu pegava relativamente longe, até nos bairros Mangal e Barcelona em Sorocaba. Depois disso, também entrei trabalhar na *Vanguarda FM*.

### F.P – O bairro Dominginhos é quase no nível do rio Sorocaba, como o transmissor conseguia esse alcance mesmo funcionando em um local tão baixo?

**P.S** – Ele era um transmissor ótimo para locais baixos. Realmente ali não é alto, mas todo mundo ouvia, tinha hora que até dava uma falhada, mas só para quem morava longe. Esse transmissor durou do início ao fim, não teve outro, nunca deu problema em dois anos na zoeira da rádio livre. Eu falo zoeira, porém foi uma escola maravilhosa, não tenho nada a reclamar.

### F.P – E essa experiência te auxiliou quando você entrou na rádio comercial?

**P.S** – Valeu muito, cara. Tem que entender que existia a rádio *Vanguarda*, a *Cacique* e a *Metropolitana*. Então, eram rádios muito populares, não tinha outra estação de rádio aqui, não tinha como ouvir rádio

de São Paulo. Quando eu fui falar pela primeira vez na rádio comercial veio o baque, minha voz saiu até embargada, mas tudo isso seria pior se eu não tivesse tido essa escola. Foi um grande aprendizado que ajudou muito, tanto na locução como no conhecimento musical. Eu ficava lá na *Transuniversal* fazendo programação de rock. Gravava as músicas das rádios comerciais em fita e passava na minha rádio livre. Eu fazia milagre ali, era uma coisa de louco.

### F.P – Você também fez esse curso do SENAC?

P.S – Fiz, mas começou assim, minha mãe era costureira e tinha um rádio à pilha que ela ouvia rádio AM, a *Rádio Clube*, a *Vanguarda* e eu ficava do lado dela escutando. Aquele som do rádio AM, aquele abafado. Já naquela época eu falava “Mãe, vou trabalhar em rádio”. Aí, meu irmão entrou na rádio *Vanguarda* em 1981 como técnico de áudio. Às vezes no domingo, a minha mãe falava para eu levar a marmita para ele. Eu saía de Votorantim, pegava o ônibus e vinha até Sorocaba. A primeira vez que eu entrei no estúdio da rádio *Vanguarda*, eu fiquei maravilhado! Quando eu vi aquilo lá foi na veia, ali nasceu minha vontade de trabalhar naquilo. Meu irmão trabalhou com rádio a vida toda, ele se aposentou na *Cacique*, ele foi técnico de áudio a vida inteira. Só que eu não queria ser técnico de áudio, eu queria falar no rádio. Até que eu fui, primeiro na minha rádio livre e depois na comercial, mas esse foi o começo de toda a minha paixão por rádio. As pessoas perguntam se eu aprendi a falar assim através do curso de rádio, mas na verdade você não aprende a falar nada no curso de rádio. Tem umas técnicas em respeito ao ouvinte, o que você pode falar e o que você não pode, mas você não aprende nada, você aprende é fazendo rádio.

**F.P** – As pessoas das rádios comerciais que você trabalhou sabiam do seu passado com a *Transuniversal*?

**P.S** – Não, não sabiam não. Em todas as rádios que eu trabalhei, a *Vanguarda*, a *Cacique*, a *Meridional Votorantim*, que depois virou *Antena 1*, ninguém sabia disso. As pessoas perguntavam se eu nasci com essa voz. Hoje minha voz ficou técnica, virou meu jeito de falar, mesmo fora do rádio.

**F.P** - E como era a programação da *Transuniversal*?

**P.S** – Na rádio tocava as músicas e as vinhetas que eu fazia. Também tinham alguns comerciais institucionais. Eu consegui de brinde compactos do Ministério da Saúde. Esse material era destinado as rádios comerciais. Eram 2 compactos: um continha a campanha antitabagismo da época e o outro era sobre AIDS. Esse material ia para o ar nos intervalos. Na minha cabeça, se eu tocasse essas mensagens, a fiscalização não viria apreender minha rádio. Agora publicidade mesmo não tinha. Se tinha um evento voltado para a comunidade, eu falava. Me lembro de falar da Festa Junina de Votorantim quando chegava a época. Mas sem pensar em faturar nada. Tocava cinco ou seis músicas e colocava esses comerciais, mandava um alô para as pessoas e música de novo. Colocava a música na íntegra para o pessoal gravar e não repetia a programação. Eu tinha um caderno onde eu registrava as músicas que tocavam na rádio. Eu dividia a entrada do transmissor em dois canais com um cabo RCA. Um era para eu falar e o outro era para o aparelho de som. E operava somente no volume dois para não distorcer, pois não tinha câmara de eco. Fora esse aparelho, eu usava outro e colocava o compacto pronto para tocar. Eu aprendi a fazer efeitos usando um cabeçote de um tape deck. Quando você aperta o botão de gravar, há um mecanismo com dois riscos pretos. Se você colocar *Durex* na metade de um desses riscos, você consegue apagar só metade da fita. Parece que a voz fica de fundo. Então eu gravava a voz por cima daquilo que tinha gravado. Aí repetia o processo até conseguir fazer o efeito eco. Meu



irmão me dava umas dicas também. Aprendi a tirar risco de discos com tampa de caneta. Então, comecei a fazer um milhão de coisas em rádio. Você tinha que se virar. Em 1985 eu tinha 17 anos. Você é novo, sabe? O cara que é jovem só faz besteira, e para mim aquilo lá era um espetáculo. Dane-se o mundo! Dane-se que era contra a lei! Fazia com o máximo de perfeição que eu podia e ficava bom. Eu editava vozes gravadas, cortava e juntava, e assim fazia as vinhetas. Eu deveria ter guardado essas coisas que foram importantes para mim. E no fim eu não fiz isso. Fui um cara que deixei tudo para trás, quando saí de Votorantim e larguei um monte de discos de vinil lá. Pensei que não serviria para nada. As pick-ups que eu tinha vendi a preço de banana. Essas eram coisas que eu fui adquirindo e depois joguei fora porque fiquei pensando que viria outras tecnologias como o USB, o pendrive, o Wi-Fi. Hoje eu compro todos os aparelhos retrô que eu vejo porque é uma grande nostalgia para mim.

**F.P – Você sente falta de mexer na aparelhagem analógica? De ter a sua pick-up, de fazer o seu efeito por mais que você possa fazer no computador com uma qualidade melhor.**

**P.S –** Então, esse efeito que a gente aprendia a fazer era uma coisa que você achava que estava perfeito, ao seu ouvido ficava perfeito, você pensava “Olha o que eu consegui fazer sozinho, sem nada”, hoje em dia é fácil, pega microfone e grava, mas essa coisa do analógico é maravilhosa, eu sinto falta. Tanto que quando eu comecei a trabalhar na rádio *Vanguarda*, a mesa de som tinha oito ou doze canais, um potenciômetro gigante e muitos botões. Achei uma delícia, mas não existe mais, hoje é deslizante, o computador faz tudo sozinho. Eu e minha esposa nos conhecemos no rádio, meu sogro é de rádio também.

**F.P - E em relação à *Transuniveral*, qual era o seu intuito com ela? Qual a razão de ser dessa rádio?**

**P.S** – É uma pergunta que não tem resposta, eu gostava e é isso. Eu não tinha objetivo nenhum, era paixão pelo rádio e vontade de divertir quem quisesse ouvir. Convidava meus amigos da minha rua para ver eu operar a rádio. Uma filhinha se formava no pé da cama e todo mundo ouvindo a minha rádio, pedindo para tocar música. Pessoal fazia até fogueirinha lá do lado de fora do meu quarto, parecia aquelas coisas de filme que você ficava sentado ouvindo música. Chegou uma época que apareceu um pessoal falando que eu tinha que tocar música caipira, mas eu não conhecia. Eles falavam “Você tem que tocar música sertaneja, Trio Parada Dura, Milionário e Zé Rico”, aí eu comecei a fazer uma hora de sertanejo, mas sem locução. Eu tocava das 16h00 às 17h00, antes do A Voz do Brasil. Tocava sertanejo raiz. Mais cedo que isso não dava pois comecei a trabalhar no grupo Votorantim. Quando eu chegava em casa dormia um pouco e depois eu ligava o rádio. Mas aí já tinha o compromisso de acordar no outro dia às 4h00. Então ficava até às 23h00, 00h00 conversando com os outros donos de rádios livres. Por isso não tinha um horário correto. O único horário fixo era às 19h00.

**F.P – Pelo seu relato, a rádio funcionava como um veículo de comunicação convencional, correto?**

**P.S** – Sim, era informativo, eu buscava isso. E eu queria que as pessoas me ouvissem e falassem bem da minha voz. Era um objetivo futuro de prosseguir na carreira de locutor. Então, aquilo era a primeira série para mim. Mas era difícil alcançar essas pessoas porque você não podia chegar falando “Eu tenho uma rádio pirata, me escuta lá”. A divulgação era boca a boca. Meus amigos próximos ajudavam nisso. Às vezes eu os deixava falar na rádio também, eu pedia para anunciarem as músicas, ensinava como se falava o nome das bandas internacionais. Para eles aquilo também era uma coisa legal.

F.P – E o seu nome? Você falava seu nome na rádio?

P.S – Não.

F.P - Tinha algum apelido?

P.S – Sim, tínhamos nomes artísticos na rádio, eu era o Beto Chernobyl devido ao desastre de 1986 e o Robson César, era o Adriano Ramos.

F.P – E vocês nunca tiveram problema com o Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL)?

P.S – Nunca. Só tivemos ameaça de vizinhos. O pessoal também avisava quando a fiscalização estava próxima. Então, eu desligava a rádio e ficava uma semana fora. Eu tinha esse receio de eles chegarem e levarem tudo embora. Já não tinha muita coisa e se ainda levassem isso, complicaria minha vida. Na verdade, os fiscais tinham que vir de São Paulo para Sorocaba. Aqui não tinha Polícia Federal, não tinha nada. Quando entrei trabalhar na rádio *Vanguarda*, foi meio que um troféu para todo mundo que fazia rádio livre. Ver um dono de rádio livre subindo para rádio comercial era uma vitória. Então os caras faziam questão de me convidar para visitar suas rádios caseiras, pediam conselhos e perguntavam se estava legal. Encontrei um amigo que morava vizinho a minha casa onde eu tinha a *Transuniversal* e ele falou que não era para eu ter saído de rádio. É natural, mas não tem como você viver disso. Eu fui naquilo porque queria, mas quando você acha alguém para viver junto, você tem que sustentar uma família, não tem como viver disso. Essa foi a razão da minha desistência do rádio. A questão do financeiro conta muito. Mas um dia, quem sabe. Fato é que era uma loucura! As pessoas ouviam o rádio e criavam uma imagem mental de você. Idealizavam um Brad Pitt falando no rádio. Essa é uma das magias do rádio.

**F.P – E essa magia dentro da *Transuniversal* existia?**

**P.S –** Não, lá não porque a gente tinha medo dessa divulgação. Eu queria que as pessoas ouvissem a rádio, mas não queria que soubessem quem eu era.

**F.P – Na sua perspectiva, você acha o termo pirata uma forma pejorativa de se referir as rádios livres sorocabanas? Você se importava com isso?**

**P.S –** Não, me importava porque a verdade é que roubávamos a frequência mesmo. Se me perguntam, eu falo que tive rádio pirata e não me arrependo disso porque foi uma escola maravilhosa. O termo rádio livre existe hoje, naquele tempo ninguém falava isso, nos anos 80 era rádio pirata, principalmente em Votorantim e Sorocaba. Falávamos “Eu tenho uma pirata em 95 ou eu tenho uma pirata em 104” e por aí vai. Esse termo rádio livre veio depois, até mesmo para tirar esse tom pejorativo.

**F.P – E teve alguém que veio querer te entrevistar na época?**

**P.S –** Não, e se houvesse não iria conceder. Eu tinha muito medo. Na atualidade esse termo pirata pode ser falado à vontade, é maravilhoso. Fomos foras da lei da frequência. Mas, pelo menos da minha parte, foi sempre uma forma educacional. Eu nunca quis ofender alguém. Meu propósito era música, era para tocar coisas que as outras rádios não tocavam, entendeu? Eu buscava muito isso, essas alternativas. Hoje as coisas mudaram, procurei outros caminhos.

### F.P – Algumas pessoas dentro das rádios comerciais também vieram das rádios livres?

P.S – Conheci muita gente que falou que começou em rádio fazendo locução em porta de loja, anúncio de alto-falante, mas eu nunca conheci ninguém que veio da rádio pirata. Os que tinham essa experiência foi eu que os coloquei nas emissoras comerciais.

### F.P – Sua rádio tinha algum posicionamento político?

P.S – Não. Nem de prefeito, nem de vereador, nem de presidente da república, nada. A programação era música, anunciar, vinhetas e as propagandas que comentei sobre o cigarro e o vírus HIV.

### F.P – Houve algum serviço de utilidade pública que você fez durante sua época com a *Transuniversal*? Por exemplo, anunciar um documento perdido.

P.S – Não, na rádio pirata não. Eu tinha esse medo, esse receio de estar na ilegalidade. De ser preso. E com a total falta de cultura na cidade que você mora ficava difícil. Buscar informações nos anos 80 era totalmente diferente de hoje! Tinha que comprar uma revista para ler, a televisão era restrita a *Globo*, principalmente ao *Jornal Nacional*. Era uma total falta de cultura e informação. Quando alguém mais entendido falava que a fiscalização estava aqui em Sorocaba/Votorantim, a gente ficava com medo. Na época, quando mais oculta a rádio pirata, melhor.

**F.P – Após ouvir a sua vinheta da *Transuniversal*, constatei que a emissora clandestina tinha filiações com o grupo *ABS Comunicações*. O que era esse grupo?**

**P.S –** A sigla significava Adriano e Beto Stecker. Eu e o Robson queríamos que as pessoas pensassem na *Transuniversal* como uma rádio vinculada a um grande grupo de comunicação. Então, a gente criou essa empresa fictícia. Mas era um fundo de quintal! Um quartinho pequeno no meio de Votorantim! O nome grupo *ABS Comunicações* veio da sigla de nossos apelidos: Adriano e Beto Chernobyl. Para complementar, usei o “S” do meu sobrenome: Stecker. Até isso a gente fez! Brincava muito! Mas tudo tinha um fundamento legal.

**F.P – E em relação ao movimento, como eram as interações pelo rádio?**

**P.S –** Teve muita gente de rádio pirata que eu não conheci ao vivo, só pelo nome. E eu realmente não sei o que essas pessoas pensavam de mim e também nunca quis saber. O meu propósito na rádio era música e falar. E eu também não fui buscar pessoas do rádio, mas aqueles que eu pude fazer amizade, a gente fez. Era o dono da *Interprise FM*, da *Dolby FM*, da *Tropical FM*, da *Columbia FM* e da *Frankstape FM* que construíam os transmissores. Era difícil nos encontrarmos. A gente dependia de ônibus. Mesmo as rádios sendo em Votorantim, é longe. Eu morava no Dominginhos, para subir até o Jardim Araújo e ir na *Tropical FM* era longe.

**F.P – E na época vocês conheceram rádios de outros países, como as rádios livres italianas e as francesas?**

**P.S –** Faltava muita informação porque não tínhamos condição de comprar revistas para sermos pessoas mais atualizadas, ou conversar com alguém que tivesse lido sobre isso, não existia onde procurar. E os

professores que a gente tinha também não conheciam isso. Era outra época. Dos anos 90 para cá é outra coisa. O que eu quiser saber eu procuro no celular e aparece, eu tenho o que eu quero na palma da mão. Antes você tinha uma revista, um jornal para ler, um canal de TV. Então essas informações eram muito restritas, mesmo estudando. Eu estou falando daqui do interior do estado. Talvez lá em São Paulo você tivesse muito mais formas de se informar, mas aqui era desse jeito mesmo.

### F.P – E hoje, onde você acha que essa forma de fazer rádio ainda é utilizada?

P.S – Eu vou falar para você que toda essa forma de fazer a programação da rádio livre e falar no microfone nunca foi para ofender ninguém. Pelo menos eu busquei isso. Mas eu já vi piratas no ar brigando e xingando por causa de frequência e daí vinha a parte pejorativa do termo rádio pirata. E eu ouvia gente brigando por frequência. Por exemplo, se uma rádio com um transmissor muito forte operasse na frequência que eu usava, ela poderia cobrir meu sinal. Isso era uma provocação, mas eu não ia brigar. Porém, vi muita gente brigando por frequência. As rádios piratas queriam frequências perto da rádio *Cacique* 96,5MHz. Entre 96,5MHz e 106,9FM não tinham mais rádios comerciais para atrapalhar as rádios piratas. Somente a *Metropolitana*, que era 99,7MHz. O objetivo da minha rádio era você sintonizar entre a *Cacique* a *Metropolitana* e me pegar. Aí, depois da *Metropolitana*, encontrava um monte de piratas! A briga estava lá em cima! Acho que hoje, as pessoas não fazem mais esse tipo de coisa. É muito fácil de ser localizado. Eu posso divulgar uma mensagem pelo *WhatsApp* e em instantes ela está no Brasil inteiro. Em instantes ela está na polícia ou em qualquer local e você pode ser preso por um ato de racismo ou por espancar um animal. Atualmente o medo aumentou, mas tem uns aí que se arriscam. Antigamente fazíamos porque você não sabia onde estavam as rádios, poderia falar qualquer coisa! A não ser que o DENTEL fizesse a fiscalização. Os caras falavam tudo que queriam.

## F.P – O que você levou da *Transuniversal* para as rádios comerciais?

**P.S** – Eu tenho coisas da rádio pirata que eu levo para vida inteira! Apliquei muita coisa na rádio comercial! Falas e expressões que nasceram na pirata eu usei nas rádios comerciais. E eu defendo o nome rádio pirata mesmo, doa a quem doer! Rádio livre é um termo técnico. Para nós sempre foi rádio pirata mesmo! Era escutar brigas por frequência, xingamentos, chamar para briga depois da saída da escola e eu ficava lá só ouvindo. Meu propósito era outro. Tanto que tinha gente que me achava arrogante, pois eu não conversava com eles, só fazia minha programação. Tinha gente que me xingava por isso. Depois que eu encerrava as transmissões, dava uma pausa, tomava café e sintonizava os meus amigos piratas para falar com eles. Minha intenção era que o meu ouvinte soubesse que eu iria encerrar, aí ele já mudava de frequência. Então, criei uma vinheta de encerramento. Depois eu ficava livre para conversar com a turma que eu conhecia. Quanto aos outros eu não sei se faziam programação. Sinceramente, eu nem ouvia, a não ser que fosse depois da minha programação. Tinha um monte de gente que me escutava, que pedia música, amigos, gente que nem me conhecia e eu mandava recado. Então eu tinha a minha audiência, não importa se era dez ou vinte pessoas, aquilo era meu incentivo. Eu tinha adesivos de letras no meu quarto escrito “Rádio *Transuniversal FM*” na parede. Comprei aquele símbolo pirata da banda *RPM* e coleí na parede. Em algumas fotos aparecia eu cabeludo, com o microfone da rádio, aqueles de karaokê mesmo porque não tinha grana. Nessa época, chegamos a colocar um Walkman no ar! Ele tinha um pequeno equalizador e, por isso, conseguimos transmitir coisas por ele. A gente lutava contra microfonia, deixava o transmissor sempre regulado, essas coisas. Meu primo morava numa casa ao lado da minha. Ele me ajudava a regular a rádio da casa dele. O que eu mais tocava na rádio era Queen, Raul Seixas, Kid Abelha, ABBA, Michael Jackson. Quando o filme *Karatê Kid* foi lançado, foi um sucesso! Eu tocava a música *Glory Of Love* dez vezes por dia. E vou te falar uma coisa particularmente triste: minha mãe me falava para apresentar um horário sertanejo. E eu não fiz isso para ela. Era uma coisa que eu poderia ter feito na rádio comercial. Eu fiz na pirata e ela



ouvia. Mas ela queria me ouvir na rádio AM. Minha mãe viveu 84 anos. Quando fiz uma visita ao cemitério e falei que um dia vou apresentar um horário sertanejo para ela. Tudo que eu fiz em rádio foi por causa da minha mãe e do meu pai que tocava viola. Meu pai tocava em festas, o violeiro da família, nunca fez sucesso. Mas é daí que vêm as veias artísticas da família. Foi para meu irmão, dele veio para mim e assim vai. É uma coisa maravilhosa!

**F.P – Paulo, muito obrigado pela atenção e pelas informações sobre as rádios livres sorocabanas! Seu depoimento é de suma importância para resgatar um pouco da história desses meios de comunicação.**

**P.S –** Eu que agradeço! Olha, esse trabalho que você está fazendo é muito bonito viu. É maravilhosa essa pesquisa sobre o rádio da nossa região. Uma história que ninguém conhece!

## REFERÊNCIAS

Machado, A.; Magri, C.; Masagão, M. (1986). Rádios livres: reforma agrária no ar. Brasiliense.

Nunes, M. A. M. (1995). Rádios livres. O outro lado da voz do Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Santoro, L. F. (1981). Rádios livres: o uso popular da tecnologia. *Revista Comunicação e Sociedade*, 3 (6), 97-103.